

CULTURA E IDENTIDADE NA AMAZÔNIA:(RE) AFIRMAÇÕES IDENTITÁRIAS EM MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO TERRITÓRIO DO ZÉ AÇÚ- PARINTINS/AM

Charlene Maria Muniz da Silva³

Alem Silvia Marinho dos Santos⁴

Daniele Tavares de Azevedo⁵

Introdução

A Amazônia possui as comunidades ribeirinhas, que apresentam características culturais típicas da região, contudo, é por meio das pequenas diferenças e particularidades de cada comunidade que podem ser compreendidas de maneira específica. Do ponto de vista espacial, embora nas diversas estradas e ramais da região existam comunidades, geralmente as comunidades estão localizadas em terra-firme ou várzea nas margens dos rios e lagos, apresentando características comuns de sua organização espacial que as definem como ‘ribeirinhas’ por estarem próximas ao recurso tão importante para sua locomoção e alimentação – os vastos rios e lagos que cortam esta região. Temos também, na configuração socioespacial da Amazônia as cidades que ficam às margens do rio, sendo essas a localização geográfica das principais cidades, como observado por José Aldemir de Oliveira em sua obra “Cidades na Selva (2000)”. Neste estudo estaremos analisando três comunidade ribeirinhas de terra-firme, no território do Zé-Açu (Bom Socorro, Paraíso e Boa Esperança), no município de Parintins, Estado do Amazonas.

As comunidades amazônicas são, muitas vezes, vistas como um espaço monótono, esquecido pelo tempo por aqueles que não conhecem esse fascinante lugar. Porém, aqueles que adentram nesse universo, ainda pouco estudado, se surpreendem a cada instante. O modo de viver, o contexto natural que os cercam, as peculiaridades, a forma como vivem, o jeito acolhedor como recebem aqueles que desejam conhecer mais de seu cotidiano, são características marcantes.

A cultura de uma dada sociedade é marcada pelo auto reconhecimento do que é atribuído a valores, ações, crenças do seu dia a dia. Nas comunidades ribeirinhas, a religião é uma das características que identifica a crença e a fé das pessoas que vivem nesse contexto. Na área de estudo, município de Parintins, a religião católica é muito mais presente nestas comunidades, embora existam comunidades evangélicas, cerca de 87% das comunidade rurais são de orientação católica (SILVA,2015).

O ribeirinho é cercado por um mundo mitológico repleto de seres lendários, normalmente ligados ao rio e à mata e que têm um papel importante na constituição da

3. Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, mestre em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, com especialização em Gestão de Políticas Ambientais e graduação em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Epistemologia da Geografia e Geografia Agrária, atuando nos seguintes temas: evolução do pensamento geográfico, territórios rurais, comunidades, modos de vida ribeirinho, agricultura. Atualmente é professora adjunta do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas E-mail charlenemds@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0001-7353-5442>

4. Possui graduação em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (2000) e mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2003) e Doutorado em Desenvolvimento Sustentável pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS-UnB-2012). É professora concursada da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) desde 2009. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Sócioambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Território, segurança alimentar, ecologia, mudanças climáticas e sustentabilidade. E-mail: alemsilvia@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-6645-0694>

5. Estudante do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Cultural. E-mail: danieleazevedo2311@gmail.com. <https://orcid.org/0000-000309281016>

identidade, cultura e territorialidade. A compreensão da territorialidade e identidade em comunidades ribeirinhas, sob a compreensão das festas, ajuda a refletir que as tradições que ainda permanecem no cotidiano e na vida das pessoas que moram nesses territórios, muitas vezes distantes do meio urbano mas que, de alguma forma, acabam influenciados com os avanços tecnológicos e da modernidade.

Porém, as mesmas se adequam a realidade do lugar, ainda apresentando algumas resistências. São esses aspectos que serão analisados neste trabalho, onde coadunamos com a concepção de que, por mais transformações que um lugar esteja passando, as comunidades rurais apresentam permanências e resistências do tradicional nos territórios, que se manifestam por meio das festas populares, no caso das comunidades do Zé Açú, nas festas em honra aos santos e a festa junina de boi-bumbá, ambos foram analisados na perspectiva da geografia cultural.

Caracterização da área de estudo

O Zé Açú localiza-se a sudeste do município de Parintins, cerca de 14 km da sede municipal, é composta de sete comunidades rurais, segundo dados da Secretaria Municipal de Produção de Parintins (2013). Optou-se por fazer um recorte geográfico e foi selecionado a comunidade Bom Socorro.

O pertencimento da comunidade focal ocorre, principalmente, pela proximidade com o lago do Zé Açú. Ela situa-se diretamente às margens do lago. A referência territorial dessa localidade está diretamente relacionada ao Lago do Zé Açú, que tem sua importância tanto do ponto de vista da logística (via de acesso às comunidades e com a cidade de Parintins) como lugar do lazer e descanso, fonte de alimentos e *locus* cotidiano dos ribeirinhos que moram em suas margens. É, também, a fonte de água para beber, pois algumas famílias ainda consomem a água diretamente do lago, utilizando para beber, fazer a comida e etc.

Materiais e métodos

Considerando a premissa maior desta pesquisa, neste estudo optou-se pela abordagem de pesquisa fenomenológica. Isso porque, acredita-se que a fenomenologia pode favorecer contribuições relevantes para o campo da pesquisa qualitativa, proporcionando ao pesquisador a compreensão e diálogo com a realidade em que os sujeitos estão inseridos, de acordo com o método de estudo da geografia cultural.

Realizou-se a observação participante desses lugares, interagindo com os moradores ao participar de algumas das suas atividades. Para essa técnica foram elaborados roteiros de observação com registro sistemático no diário de campo, com a observação, principalmente, do *habitus*, o cotidiano,

as práticas, os rituais que envolvem as tradições; o trabalho e seu significado, a cultura, sociabilidade e territorialidade dos ribeirinhos do Zé Açú.

Observando a vida cotidiana, ouvindo as narrativas e as lembranças, assim como analisando os documentos referentes a esses lugares, foi possível obter um volume de dados qualitativos relevante para a pesquisa, de onde pudemos verificar as formas de transmissão e de construção dos saberes e conhecimentos, assim como, as manifestações culturais que fortalecem as suas territorialidades.

Foram realizadas entrevistas (individuais e coletivas), padronizadas, com roteiro semiestruturado e gravadas para facilitar a análise. As entrevistas com os sujeitos da pesquisa consistiram em importante instrumento, possibilitando a compreensão desses lugares a partir de inúmeras características, ou seja, compreensão do mundo vivido dos moradores das comunidades.

Geografia e os estudos sobre cultura

Uma perspectiva de análise proposta para compreender as intensas transformações ocorridas no espaço geográfico, foi um subcampo de estudo que cresceu e se destacou nos últimos anos, na França, Estados Unidos e Brasil. A Geografia Cultural a partir da década de 1990, adquiriu significativa relevância, devido sua consonância com o movimento pós-moderno. Nesse período, destaca-se o interesse pela investigação de uma pluralidade de temas relacionados à cultura popular, ao folclore, a etnia, ao gênero, a religião, a paisagem, assim como outras manifestações artísticas como a música, a literatura e a poesia. Como muito bem expõe McDowell (1996):

A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas. (MCDOWELL, 1996, p. 154).

Para o autor, o interesse pela relação entre espaço e cultura é uma tradição da ciência geográfica, haja vista, que seus interesses sempre estiveram voltados para a descrição da diversidade da superfície terrestre. Sendo assim, a dimensão cultural pode ser entendida como elemento necessário para a compreensão do mundo. Isso porque, é exatamente a cultura que reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. No que concerne à cultura, em termos conceituais, pode-se elencá-la como crenças, valores, religiões, músicas, robe, etc. Enfim, aspectos da vida humana que estão muito mais relacionados à constante busca de se situar no universo.

Nesse sentido, a geografia cultural deve ser reinventada ou renovada para poder continuar seu percurso, contribuindo para compreensão da ação humana sobre a terra, a qual está sempre em processo de construção estabelecendo assim, sua identidade e significação social.

Segundo os referenciais, até aqui apontados, mudanças ocorrem no tempo e no espaço, por isso, é necessário lançar um olhar mais atento para os estudos da Geografia Cultural. Essa reflexão também é apontada por Corrêa e Rosendahl (1999), quando declara que: “Rápidos e intensos processos de transformação econômica, social, cultural, alteram a distribuição espacial da população, valores, hábitos e crenças, a paisagem cultural e os significados atribuídos à natureza e as formas socialmente produzidas”. (CORRÊA e ROSENDAHL, 1999, p. 74).

Diante do exposto, a cultura está intimamente relacionada como cada sociedade se constitui e se organiza no espaço, seu modo de vida, como se relaciona com seu meio ambiente e como constrói significados. Portanto, a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda experiência histórica das gerações que não são inatos, eles são criados.

Nesse sentido, depreende-se que refletir sobre a cultura; seria pensá-la como uma herança das experiências vivenciadas ao longo da vida do homem que é tão importante, e desta forma, precisa ser valorizada e transmitida para as gerações futuras.

Cultura e religiosidade em comunidades rurais

As manifestações da religião imprimem mudanças na organização espacial que, por sua vez, influencia na própria percepção/concepção de mundo das pessoas que participam deste processo, a religião analisada no contexto geográfico está relacionada à interpretação da apropriação de determinados segmentos do espaço. Os geógrafos que estudam as manifestações da religião se preocupam em analisar os padrões espaciais que refletem o controle de pessoas e objetos, grupos religiosos e instituições sobre o território.

Com processo de modernização que ocorre em muitos lugares na Amazônia alguns ritos religiosos vêm perdendo seu grau de importância e sua tradição, cedendo espaço para novos processos que, de certa forma, são reinventados ou adquirem outras formas e características.

Partindo da premissa de que os aspectos religiosos são parte importante na estrutura social, cultural e territorial dos ribeirinhos na região amazônica e que a mesma, por meio de seus ritos, ajuda na manutenção da identidade sobre o território (territorialidade), buscamos compreender como vem ocorrendo processo da manutenção da cultura, identidade e territorialidade das populações rurais no Zé Açu por meio das festas em honra aos santos.

Utilizamos a perspectiva da Geografia Cultural, para entender como os moradores vivenciam a religiosidade popular, manifestas nas festividades em honra aos santos, e como essas experiências contribuem para o processo de (re) afirmação da sua territorialidade

Para Fraxe (2011, p. 54), “a cultura nas comunidades ribeirinhas consiste no processo de construção social, que orienta e dá significado a toda e qualquer prática humana”. A cultura passa então a ser vista como algo que aos poucos vai se constituindo socialmente, porém não rápida, mas gradativamente, ou seja, a mesma é inseparável do próprio conceito de sociedade, pois a cultura não pode existir sem que exista uma convivência social daqueles que vivem e fazem parte de um mesmo sistema.

Na Amazônia, é comum a crença em superstições, lendas e mitos que fazem parte do contexto e do cotidiano das comunidades. Mas há, também, a forte devoção aos santos católicos por parte de quem vive nesses lugares, e as comunidades se reúnem em momentos específicos do ano para celebrarem seus santos padroeiros, transformando-se em eventos que se caracterizam pela reafirmação e manutenção cultural, identidade e territorialidade dessas populações que demonstram essa devoção por meio da realização das festas religiosas ou festejos, como são popularmente chamados na região. Repassando não somente um rito, mas reafirmado a identidade cultural expressa na forma de rituais católicos, para as futuras gerações.

A festa do boi bumbá

De acordo com a História, o auto popular da brincadeira do boi tem suas raízes no nordeste do Brasil, onde ocorre uma das mais ricas manifestações do folclore brasileiro. O folguedo *bumba-meu-boi*, ao se disseminar por várias regiões do Brasil assumiu nomes e formas de apresentação diversas. No que se refere à manifestação folclórica no contexto amazônico Tenório (2016) mostra que essa exposição chegou por meio da migração nordestina no final do século XIX, período em que a produção da borracha era considerada o “apogeu” na região, atraindo assim uma quantidade significativa de migrantes. Contudo, o folguedo logo se adaptou ao contexto próprio da região como afirma Tenório: “No Aninga, os *bumba-meu-boi* tinham sempre os nomes de fita e cor: Boi Fita Roxa, Boi Fita Amarela, Boi Fita Preta e assim por diante”. (TENÓRIO, 2016, p. 65).

A brincadeira de rua logo ganhou uma nova roupagem por volta de 1917, em vista de, uma promessa feita por Lindolfo Monte verde “ao glorioso São João” que teria sido agraciado com a dádiva da cura. Terminado o rito religioso, no rufar dos tambores surgia Lindolfo levantando a primeira toada em vermelho e branco. Assim, o boi-bumbá Garantido surgia fazendo sua primeira apresentação para o público.

Ainda segundo Tenório (2016), especialmente, em seu livro “A cultura do boi-bumbá em Parintins”, o autor expressa que o primeiro rito aconteceu com a chegada do boi-bumbá em Parintins. De modo gradativo, o autor apresenta “o surgimento do boi Galante”, aquele que viria a se tornar o Boi bumbá Caprichoso. Cabe aqui ressaltar que, a origem do bumbá era prosaica e cercada do imaginário popular tais como: mistérios, encantos e lendas amazônicas.

Sabendo que a cultura está intimamente relacionada com tempo e espaço pode-se afirmar que a cultura é dinâmica e mutável e por conta dessa característica, em cada tempo e lugar a cultura se manifesta sob um aspecto particular. É bom lembrar que, a gênese da apresentação é basicamente a mesma verificada em outras regiões, onde circula uma trama de morte e ressurreição do boi de estimação do fazendeiro. Entretanto, no Amazonas foi dada uma ressignificação agregando a ela elementos da cultura amazônica, onde a cultura indígena é vista como principal elemento dessa brincadeira na região.

Nessa perspectiva, atualmente, a manifestação folclórica dos bois Bumbás em Parintins se tornou um dos maiores divulgadores da cultura local e de forma progressiva vem sendo explorada nas apresentações folclóricas temáticas regionais como: lendas, rituais indígenas e costumes dos ribeirinhos.

Assim, a cultura de brincar com o boi-bumbá já perpassa aos cem anos na cidade de Parintins. Em todo o Amazonas, o imaginário do povo assumiu uma potência criadora e mágica, que faz as culturas transitarem apresentações do mundo real, do imaginário e do místico, fundamenta-se também que é esse imaginário que ajuda a manter viva a identidade cultural dos moradores do lugar. Sobre o majestoso festival folclórico de Parintins, pode-se declarar que este se constitui um espetáculo sublime de beleza que encanta vários espectadores. Então, o arca bolso da tradição do homem amazônida vem se destacando nesta magnífica brincadeira que está engendrado a cada momento o pluralismo de significados tanto individual como coletivo.

Tudo isso, reforça o entendimento de que a brincadeira de boi em Parintins existe desde o início do século XX. É, pois, fruto da brincadeira iniciada no Nordeste do país, especificamente, da cultura maranhense. Contudo, a cultura popular não é estática, ou seja, alterações podem ocorrer, mas ainda assim, ela vive.

Religiosidade no Zé Açú: manutenção e reafirmação identitária, por meio das festas populares em honra aos santos

O primeiro ato da festa acontece com a ida da imagem um dia antes do primeiro dia de festejos para uma das comunidades próximas que pertencem a Zé Açú e que ficam perto de Bom Socorro. Esta comunidade é selecionada por sorteio que acontece todos os anos e é feito pelos coordenadores da festa.

A comunidade sorteada no ano de 2012 foi a Comunidade de Nossa Senhora de Nazaré, que é a primeira comunidade avistada, quando se entra no Lago do Zé Açú.

Na noite que antecede o dia da festa, os comunitários adentram a madrugada trabalhando, dando os últimos retoques para que no dia seguinte esteja impecável quanto à ornamentação. Antes do raiar do primeiro dia da festa, precisamente às quatro horas da manhã, acontece a alvorada festiva com a salva de fogos, feita por alguns moradores, sendo uma das tradições da festa. Com um triciclo e uma caixa de som, a alvorada percorre as ruas da comunidade, anunciando o primeiro dia da festa, com o término na praça da igreja com o hasteamento das bandeirinhas do arraial.

A sonorização da festa, que vai desde as caixas de som, a iluminação, até aos instrumentos musicais, são levados da cidade de Parintins para a comunidade no dia que antecede o início da festa. Um fato importante é a participação das outras comunidades do Zé Açú nos dias de festejo, pois em cada noite em que é celebrada a missa, o responsável pela celebração é o líder da parte religiosa de cada comunidade pertencente ao Zé Açú.

Este primeiro dia inicia-se com a parte religiosa, com a ida dos comunitários até a comunidade de Nossa Senhora de Nazaré, para a realização do Círio Fluvial, que geralmente acontece ao entardecer do dia. Vários comunitários se reúnem para esse momento, sendo trasladado por barcos que são acompanhados por bajaranas, rabetas, lanchas e canoas dos ribeirinhos do Zé Açú.

É importante destacar que as embarcações que participam do Círio Fluvial são organizadas e enfeitadas com bandeirolas coloridas e também a sonorização adequada para aquele momento de fé.

Figura 01: Barcos no porto para o círio fluvial.



Fonte: Trabalho de campo, 2015. (Foto: Charlene Muniz)

Figura 02: O lago iluminado pelos barquinhos.



Fonte: Trabalho de campo, 2015. (Foto: Charlene Muniz)

Durante todo o trajeto percorrido os comunitários entoam canções e os hinos católicos e soltando fogos para anunciarem a chegada à comunidade onde a santa está à espera (Figura 01).

Um momento que chama atenção nesse círio fluvial é a soltura de várias barquinhas no lago do Zé Açú (Figura.02), as quais são confeccionadas pelos próprios comunitários como forma de devoção à Santa. São feitas de pedaços de isopor, têm os quatro lados encapados com papéis coloridos e no centro é colocada a vela, um dos símbolos do catolicismo, que é bastante utilizado nesse tipo de festejo. Posteriormente, a vela é acesa e os barquinhos soltos no lago, dando à noite estrelada e ao Lago do Zé Açú, com suas águas escuras, um tom colorido e encantador, fazendo prevalecer um ar de gratidão e satisfação por parte dos moradores locais ao fazerem esse ritual.

Ao chegar à comunidade do Bom Socorro, os fiéis, juntamente com o andor em que está a santa, se dirigem à igreja para celebrarem a missa em honra à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A missa significa para aqueles que participam, um momento de superação, de gratidão, de comunhão, de fé e, acima de tudo, de devoção à Santa.

Na fachada da igreja foi pintada a imagem da Santa Padroeira, onde a mesma foi coberta com um tecido branco para ser retirado apenas no momento em que os fiéis e a santa chegassem do Círio Fluvial para celebrar a missa, ocorrendo neste momento salvas de palmas e fogos de artifício.

Os elementos observados durante o festejo à santa, e que se destaca em relação à importância da igreja, são a imagem do andor e da cerimônia ou missa para os comunitários. Estes são símbolos muito utilizados na prática catolicista, e não sendo diferentes os fiéis sentem e dão reverência a estes símbolos. O andor que transporta a imagem da Santa é confeccionado por mulheres da própria comunidade, com dedicação e criatividade ornamentam com flores, ramos, cruzes entre outros símbolos (Figura.03 e 04).

Figura 03: Procissão pelas ruas da comunidade



Fonte: Trabalho de campo, 2015. (Foto: Charlene Muniz)

Figura 04: Derrubada do mastro



Fonte: Trabalho de campo, 2015. (Foto: Charlene Muniz)

Depois de todo o contexto que se refere à parte religiosa, logo em seguida, vem a parte social ou profana, como é denominado por muitos autores que estudam o assunto. Dentre eles Eliade (1992, p. 79), o qual, em sua obra *O sagrado e o profano a essência das religiões*, descreve que “o homem religioso sente necessidade de mergulhar por vezes nesse Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana.

Muitos estudiosos se referem ao profano como o comércio e as danças, porém, devemos levar em consideração que esse momento faz parte da festa, e é esperado com certa ansiedade pelos moradores.

Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa (1999, p. 239), conceituam o espaço profano da seguinte forma: “Pode-se definir espaço profano como o espaço desprovido de sacralidades, estrategicamente ao ‘redor’ e em ‘frente’

do espaço sagrado”. Neste contexto, podemos afirmar que espaço profano é a parte da festa religiosa, em que se é despido de todo o tipo de sacralidades, ou seja, não existe relação com a religiosidade.

Na comunidade do Bom Socorro, o momento que se destina ao profano inicia após a missa. É interessante mencionar que o espaço que se utiliza para a prática profana geralmente em comunidades ribeirinhas, não sendo diferente na comunidade do Bom Socorro, se localiza nos arredores da igreja.

Temos então o início do “arraial”, como é popularmente mais conhecido o momento profano das festas religiosas em comunidades rurais. E é nesse momento que há uma reciprocidade entre espaço sagrado e profano.

A abertura do arraial ocorre com muito som ao vivo, que é realizado por bandas musicais que são contratadas para tocarem no festejo. Esse elemento é importante para a realização da festa, pois, em geral nas comunidades amazônicas é comum a presença de dois estilos musicais que os comunitários dão preferência em ouvir nas suas casas, em comércios e principalmente na parte social da festa, que são denominados de “brega” e “forró”.

Nessas festas populares também é observa-se o desfile das “Princesas da Festa” ou “Bonecas Vivas”, tradição esta que se constitui em crianças do sexo feminino que fazem uma preparação, nas quais são feitas arrecadações através de diversas atividades, como, a venda de guloseimas, de bingos e outras atividades que tenham como objetivo a arrecadação de dinheiro. Sendo que no último dia da festa há a apuração de quanto cada “Princesa” conseguiu arrecadar, e a vencedora será a que conseguir maior arrecadação. É importante destacar que o valor arrecadado é investido na manutenção da igreja e do centro social comunitário.

Em seguida há a realização do bingo popular e do bingo gigante, que são dois momentos realizados pela coordenação da comunidade e têm também como o foco principal a arrecadação de verbas para a manutenção da igreja, da escola ou de outra infraestrutura que a comunidade esteja precisando.

O território religioso manifesto nos festejos em honra aos santos padroeiros é um momento esperado o ano inteiro pelos comunitários, principalmente os mais devotos à santa. Nesse momento é possível observar a territorialidade que se manifesta durante estes festejos, apontando para a importância e reconhecimento do território ocupado pela Igreja Católica.

A manutenção da identidade territorial tem como o principal fator a religião católica no referido recorte espacial, onde a mesma colabora e influencia na dinâmica e organização a partir da distribuição espacial dos seus territórios religiosos, pois, em outras comunidades que fazem parte do Zé Açu, observa-se que há também essa forte influência da religiosidade, visto que, a Igreja Matriz é quem comanda a parte religiosa, influenciando assim as outras que ficam próximas a ela.

Importante destacar que durante o ritual há a participação das comunidades adjacentes que constituem o território do Zé Açú, e também de outras comunidades que não fazem parte da mesma, mas que também são convidadas a participarem todos os anos.

A festa de boi bumbá na comunidade do Bom Socorro do Zé Açú

A festa de boi bumbá chegou à comunidade ribeirinha do Bom Socorro do Zé Açú, como uma forma de aproximar os pais e a comunidade do âmbito escolar, com o passar dos anos se tornou uma das principais festas da comunidade. Por volta dos primeiros meses de 2001, chegou à comunidade do Bom Socorro a senhora Marília Hipólito dos Anjos para assumir seu cargo de gestora na escola Municipal Minervina Reis Ferreira, com toda sua experiência adquirida em vários anos de trabalho desenvolvido em escolas localizadas na zona rural e urbana da cidade. A presente diretora viu a necessidade de aproximar a comunidade da escola, como expõe a Dona Marília Hipólito:

A escola estava tendo mais alunos e havia assim uma dificuldade de distanciamento de pais né e nós queríamos trazer os pais pra junto da escola. Quando eu cheguei para lá a escola era assim um pouco distante da comunidade, comunidade lá e escola aqui e eu tinha vindo de outra comunidade e lá era diferente, lá trabalhávamos juntos: escola e comunidade e quando cheguei lá era escola aqui comunidade lá.

Na tentativa de aproximar os pais junto à vivência de seus filhos no ambiente escolar, a senhora Marília Hipólito, juntamente com sua equipe de professores adjetivada por ela como uma “equipe nota dez”, bacana, alegre e animada começaram a articular a criação do boi na escola.

Essa meta não foi à toa, haja visto, ter presente na comunidade outras manifestações culturais como, por exemplo, as quadrilhas, a festa religiosa da padroeira da comunidade, especificamente Nossa Senhora do Bom Socorro, santa esta que leva o nome a comunidade. Em consonância com moradores mais antigos da comunidade outras manifestações culturais também eram realizadas no local, tais como: a dança do pássaro maçarico, o festival da banana, brincadeira do boi, entre outras danças. Apesar de todas essas festividades, a equipe escolar resolveu dar os primeiros passos para a “criação do boi”. Após todo processo de sistematização da ideia chegou o momento de apresentar a proposta pedagógica da escola para os pais e comunidade em geral

Para a senhora Marília Hipólito, a comunidade adorou a ideia. Então, foi organizado um concurso para a escolha do nome do boi, foram muitas as sugestões mais como um só seria o vencedor, por unanimidade venceu o denominado

“Teimosinho”. A vontade de brincar de boi novamente foi tanta que o “boi teimosinho” passou a ser o bumbá da comunidade do Bom Socorro do Zé Açú. Outro aspecto de extrema relevância a ser dito refere-se, a data de surgimento do boi bumbá Teimosinho que tem como marco histórico o dia 01 de maio do ano de 2001, tendo como fundadora a professora e Gestora Marília Hipólito dos Anjos que juntamente com sua equipe de professores, alunos e comunidade deram chamado “ponta pé inicial” para a realização da brincadeira de boi na comunidade, tendo como tema de sua primeira apresentação “Teimosinho faz da arte sua História”, neste percurso teve como seu primeiro palco de apresentação o terreiro da escola no mês de Agosto de 2001.

O verde e branco como cores do boi Teimosinho, escolhido com a finalidade de valorizar e exaltar a cor padrão da Escola Municipal Minerviana Reis Ferreira, como se nota na figura 06:

Figura 05: Boi Teimosinho



Fonte: Trabalho de campo, 2015. (Foto: Charlene Muniz)

Figura 06: Brincante do Boi Teimosinho



Fonte: Trabalho de campo, 2015. (Foto: Charlene Muniz)

Para que tudo ocorresse como o planejado à participação dos pais e comunitários foram essenciais para que o resultado fosse positivo (Figura.06). Isso ficou evidenciado no relato

de Dona Marília ao expressar a forma de organização e confecção dos instrumentos utilizados na apresentação do boi Teimosinho. Conforme abaixo:

O primeiro ano foi muito bom porque os pais, eles participaram bastante ficaram animados, queriam ver suas crianças ali participando da quadrilha, eram os pequenos portugueses mais quando surgiu o teimosinho aquilo ali foi, assim, como se nós estivéssemos resgatando uma cultura da comunidade que eles já tinham. As danças e para eles foi assim o modo de incentivar muito mais, ficaram muito felizes né, faziam reunião para construir arquibancadas, para ir pra mata tirar madeira eles estavam ali prontos e não mediam esforços nadinha, então, estavam pronto para fazer.

E assim, ocorreu a criação da festa do boi bumbá Teimosinho na comunidade do Bom Socorro, onde todos se encontravam envolvidos nos preparativos da brincadeira.

Diante disso, destaca-se a festa como um grande e lucrativo negócio razão que leva a festa do boi bumbá Teimosinho a novos caminhos. Embora, o boi bumbá tenha suas origens no folguedo do bumbá meu boi no nordeste do país, ao ser apresentado ao nosso contexto amazônico, este logo ganhou novos “atributos” ao dançar do boi nordestino. No norte não dança boi se brinca, ficando nítida essa afirmação nos estudos de autores parintinenses como Basílio Tenório, Dejard Vieira Filho e Robério Braga.

Afinal de contas, o viés da cultura circula entre os diversos grupos sociais, onde o processo de circularidade da cultura contribui para a criação e manutenção das territorialidades dos cidadãos da comunidade do Bom Socorro do Zé Açú.

Ginzburg (1987) propõe o conceito de circularidade como elemento cultural que estava infiltrado entre si, cada um à sua maneira, mostrando que entre culturas diferentes as relações se dão num processo recíproco de influências.

Fraxe (2004), também coaduna com essa concepção ao fundamentar que: “a circularidade cultural ocorre onde os valores sociais são nômades, existem transitando de uma classe a outra, ou de uma cidade a outra [...] depoentes de espaços distintos tanto no rural como no urbano” (FRAXE, 2004, p.25).

A ideia apresentada aqui assegura que, a comunidade do Bom Socorro através de sua brincadeira de boi bumbá está profundamente condicionada por esse processo, visto que, a brincadeira do boi Teimosinho apresenta semelhanças ao boi da cidade de Parintins, como também se estende às relações de trocas (ida e vinda de pessoas, ideias, saberes e cultura) com a cidade e as demais comunidades pertencentes ao território do Zé Açú.

Cultura e Sustentabilidade no Território do Zé Açu

Para falarmos sobre a sustentabilidade do desenvolvimento, tanto de áreas rurais como urbanas, enfim, dos diversos ecossistemas que compõem o ambiente no qual vivemos, é necessário compreender *os modos* de vida, organização sociocultural e econômica das sociedades que compõem o quadro humano nessas áreas.

Leff chama a atenção para necessidade da construção de uma nova racionalidade ambiental, em que a compreensão da complexidade ambiental poderia pautar as ações para a mudança necessária na forma de uso de nossos recursos naturais:

A complexidade ambiental é uma nova compreensão do mundo, incorporando o limite do conhecimento e a incompletude do ser. Implica saber que a incerteza, o caos e o risco são ao mesmo tempo efeito da aplicação do conhecimento que pretendia anulá-los, e condição intrínseca do ser e do saber.

A complexidade ambiental abre uma nova reflexão sobre a natureza do ser, do saber e do conhecer; sobre a hibridação do conhecimento na interdisciplinaridade; sobre os diálogos de saberes e a inserção da subjetividade dos valores e dos interesses na tomada de decisões e nas estratégias de apropriação da natureza. (LEFF, 2003, p. 22).

É dentro desta perspectiva que esta pesquisa se propôs a analisar essa diversidade na forma de compreensão/apreensão do território que, sem dúvida, perpassa os aspectos culturais que as determinaram, nestes termos as manifestações culturais que analisamos anteriormente, são elementos que compõe e reforçam também os aspectos da sustentabilidade desse local.

Nesta perspectiva, convém ressaltar que, as manifestações folclóricas existentes no território do Zé Açu se caracterizam como uma forma de circulação da cultura. É por meio da festa populares que se pode constatar que as comunidades ocupam territorialidades, onde os atores sociais projetam suas concepções de mundo e constroem suas identidades. Partindo desta reflexão, as pessoas se realizam em cada festa e mesmo com o passar do tempo ainda continuam com o objetivo de manter viva a tradição, os mitos e as lendas do local onde habitam. Nesta perspectiva fica claro a importância das manifestações culturais no processo de manutenção identitária e da sustentabilidade socioambiental no Zé Açu.

Considerações Finais

A festas populares na comunidade do Bom Socorro expressa principalmente a territorialidade da comunidade, onde se observa que nos dias de festejo há manutenção e reafirmação da identidade cultural dos comunitários.

A manutenção da identidade tem como o principal fator a religião católica, no referido recorte espacial, onde a mesma colabora e influencia na dinâmica e organização a partir da distribuição espacial dos seus territórios religiosos, pois, em outras comunidades que fazem parte do Zé Açú, observa-se que há também essa forte influência da religiosidade, visto que a Igreja Matriz é quem comanda a parte religiosa, influenciando assim as outras que ficam próximas a ela.

Importante destacar que durante as manifestações festivas, há a participação das comunidades adjacentes que fazem parte do território do Zé Açú, e também de outras comunidades que não fazem parte da mesma, mas que também são convidadas a participarem.

Podemos afirmar que as festas de santos e o boi bumbá, em comunidades, contribuem para a afirmação destas identidades dos ribeirinhos das margens do lago do Zé Açú, identidade essa que traz consigo as marcas de um passado em que se rememora a lembrança de momentos vividos com mais união e simplicidade, onde os comunitários se reuniam para juntamente com outras comunidades adjacentes festejarem sua cultura.

Dentro desse processo de ressignificação da cultura, em cada nova manifestação há a incorporação de novos elementos que são trazidos pela modernização, onde tais manifestações se renovam em consequência desta relação estabelecida com o moderno. É por esse motivo que se pode afirmar que a cultura ribeirinha, sua memória e seus espaços simbólicos se encontram em estado de transformação e de mudança permanente, mas nunca em extinção.

A territorialidade é mantida mediante a existência do território religioso e as festas juninas, principalmente as do boi-bumbá, essa territorialidade se torna mais visível no momento festivo, pois assim há um fortalecimento das experiências tanto coletivas como individuais. Compreender esses fenômenos culturais, seus símbolos e seus significados conferidos ao espaço é fundamental para que o território seja então identificado, delimitado e reconhecido.

A compreensão da territorialidade e identidade em comunidades ribeirinhas, sob a compreensão das festas em honra a santos padroeiros e a festa do boi bumbá, nos ajuda a refletir que as tradições que ainda permanecem no cotidiano e na vida de quem mora nesses lugares, muitas vezes longínquos do meio urbano, mas que de alguma forma acabam impactados com os avanços tecnológicos e da modernidade, estão cada vez sendo transformadas em ritos que lembram muitas vezes manifestações religiosas do meio urbano.

Essas manifestações são momentos especiais e principalmente de fé e devoção por aqueles que ainda lutam para que a tradição festiva não acabe, pois ela relembra momentos em que a comunidade foi construída, momentos onde havia aquele vigor de lutar pelo crescimento da comunidade.

Muitas características foram encontradas nos festejos, como a organização dos comunitários na ornamentação da igreja, das ruas e casas, na união dos moradores para fazer um belo festejo. Há que se falar também da fé dos comunitários, observando que a maioria das pessoas que moram na comunidade pertencem à religião católica e, por conseguinte, há uma preferência a atividades que se referem a esta religião.

Verificamos que para entender as pessoas que moram em comunidades à margem do rio, lagos e igarapés amazônicos, é necessário entendê-lo dentro de seu mundo, o que muitas vezes diferencia de lugar para lugar, resultando em várias comunidades com tradições culturais diferenciadas uma das outras, assumindo assim uma identidade própria com valores culturais únicos.

Portanto, evidenciamos que os festejos realizados anualmente em honra a santos padroeiros no Zé Açú assim como a festa folclórica do boi Teimosinho, vivifica e reafirma a cultura, identidade e o sentimento de pertencimento ao território, ou seja, a territorialidade. E por mais que ocorram transformações, mudanças e resistência no meio rural em relação aos elementos que fazem parte do meio urbano, as manifestações culturais são parte das tradições deixadas pelos primeiros habitantes da comunidade, e serão sempre realizadas como forma de manutenção e reafirmação dessas identidades coletivas que são culturais e ao mesmo tempo territoriais.

Referências

CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Manifestação da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FRAXE, Teresinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; PEREIRA, Henrique dos Santos (Org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: memória, ethos e identidade**. Manaus: Reggo Edições, 2011.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEFF, Enrique (Org.). **A complexidade Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social. Rio de Janeiro: Zahar, 159-188, 1996.

OLIVEIRA, José Aldemir. **Cidades na Selva**. Manaus: Editora Valer, 2000.

SILVA, Charlene Maria Muniz da. **Territorialidades rurais no município de Parintins: habitus, circularidade da cultura e ethos ambiental na localidade do Zé Açú**, 2015. 296 f, Tese(Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia)/ Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

TENORIO, Basílio. **A cultura do boi-bumbá em Parintins**. 1 ed. Parintins. Editora João XXIII, 2016.